

# Tradução e alteridade na literatura infanto-juvenil: uma abordagem no ensino de LE a crianças em situação de risco social

Rosanne Castelo Branco<sup>1</sup>

**Titel:** Übersetzung und Alterität in der Kinder-Jugend-Literatur: ein Ansatz in der Lehre von Fremdsprache für Kinder in Situationen von sozialem Risiko

**Title:** Translation and alterity in the child-juvenile literature: an approach in the teaching of foreign language to children in situations of social risk

**Palavras-chave:** Alteridade; Tradução intercultural; Literatura Infanto-juvenil.

**Stichwörter** alterität; Interkulturelle Übersetzung; Kinderliteratur

**Keywords:** alterity; Intercultural translation; Children's Literature.

O trabalho consiste em apresentar a investigação resultante da prática no ensino-aprendizagem de língua estrangeira, no caso a língua alemã, a crianças em situação de vulnerabilidade social vinculada a um projeto de extensão na cidade de Belém, na Amazônia, e tem por objetivo despertar para conceitos da alteridade presentes nas narrativas, ao tratar das múltiplas e diversas formas do ser, do sentir e do pensar humanos. Tal reflexão se concretiza com a abordagem da tradução frente à outra cultura, a alemã, levando-nos a refletir sobre a nossa própria cultura, ao tratar de fatos da realidade humana retratados nas representações simbólicas presentes nos contextos narrativos e nas ilustrações, cujas análises contam com o pensamento de MESCHONNIC(2010), PAZ(1990), VENUTI(2002), OITTINEN(2000) e HUNT(2010). A metodologia adotada é a interdisciplinariedade presente na transversalidade de YUS (1998).

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução – PGET/DINTER/UFSC/UFPA. Professora de Teoria Literária, Língua e Literatura Alemã da Universidade Federal do Pará. E-mail: castelobranco.rosanne@gmail.com

# 1. Introdução

Esse trabalho busca trazer à discussão, questionamentos gerados quando do ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, a língua alemã, no contato com uma outra cultura, a da Amazônia, cujas interferências se fazem presentes no âmbito da tradução, frente à língua de saída e à língua de chegada. Essas dificuldades, geradas pelas diferenças culturais relacionadas às duas línguas, foram identificadas pelos docentes e discentes envolvidos no ensino-aprendizagem do alemão como língua estrangeira na Amazônia, quando da implementação do projeto pioneiro de Extensão no ensino de língua alemã, por volta do ano de 2008, vinculado à Universidade Federal do Pará, intitulado de *Aprendendo Alemão na Amazônia: Interculturalidade e Consciência Ambiental*. O projeto que atende a crianças de 5 a 12 anos de idade, em situação de vulnerabilidade social, tem como principal objetivo o de promover a reinserção social das crianças através do conhecimento de uma segunda língua unido a uma nova cultura, despertando a motivação, autoestima e o desenvolvimento de competências e habilidades, assegurando à criança a consciência de seus direitos, de se perceber como cidadã, gerando superação frente às adversidades que a vida lhes impõe. O estudo e a leitura dos contos de Literatura infanto-juvenil de língua alemã, quando realizado pelas crianças, acabou por provocar situações de tradução cultural que nos remetem ao fenômeno da alteridade, resultante do processo de como nos vemos diante do Outro, sobre o que nos deteremos na explicitação desse contexto. A abordagem da tradução com o olhar na alteridade gerada pelo texto de partida, em relação ao texto de chegada, acaba por exigir uma reflexão preliminar acerca dos conceitos de cultura e de relações transculturais que serão alicerçados pela importância da estrangeirização da tradução, como afirma Venuti(2002),abrindo espaço para o aspecto da pós-criação. Não é nosso intuito apenas delinear os traços da alteridade nesse contexto, mas também destacar que traduzir culturas é promover uma dinâmica entre mundos diferentes. A atividade de leitura dos contos infanto-juvenis alemães a crianças que residem no mundo mágico amazônico, conta com o apoio de material pedagógico como imagens dos protagonistas dos contos, dentre eles animais, bruxas, fadas, sereias,etc., provocando, cognitivamente, na criança reações oriundas de sua própria experiência cultural, como é o caso dos animais do conto “Músicos da cidade de Bremen”( *Bremen Stadtmusikanten*), dos irmãos Grimm, quando as crianças se percebem nessas representações e, ao captarem a

mensagem, entendem a importância da superação frente às adversidades impostas pela sociedade da qual fazem parte. Também é possível verificar nas manifestações infantis, a transferência cultural da bruxa caracterizada nos contos do Ocidente e presente nos contos infantis frente à bruxa amazônica, denominada de “Matinta Pereira”, protetora da floresta, bem como, a sereia “Lorerei”(do poeta Heinrich Heine) que permeia o imaginário alemão com origem nas ninfas, frente à sereia “Iara”, que protege os rios da floresta promovendo um encantamento nos homens que destroem a floresta. A investigação acaba por apontar a ocorrência de um processo de tradução cultural efetuada pelas crianças, unido ao fenômeno da alteridade, quando elas se enxergam nesse “Outro”, ocorrendo a transferência de elementos culturais da língua de saída, a língua alemã, para a língua de chegada, o português na Amazônia, concretizando uma tradução de uma cultura de saída para uma cultura de chegada.

## 2. A alteridade: Eu e o Outro

Para alicerçar e aprofundar as reflexões aqui pretendidas, buscamos variadas perspectivas de pensadores e pesquisadores que se detêm em aplicar um novo olhar sobre a tradução frente às particularidades impostas pela diversidade cultural inerente a cada sociedade, unido à especificidades relativas ao fenômeno da alteridade. Neste caso, podemos destacar nas palavras de Octavio Paz (1990), a importância que a tradução exerce na interrelação e aproximação com outras culturas e sociedades, unido à contextualização da presença do ‘outro’, através desta outra linguagem:

“[...] as culturas são locais, autosuficientes e monolínguas. É a tradução que introduz o ‘outro’, em sua forma mais radical e estranha: a linguagem. E quando se pensa em linguagem diferente, supõe-se imediatamente uma maneira outra de sentir, pensar e entender o mundo”(Paz apud Pontes et all. 2014:28).

De início, podemos pensar sobre as dificuldades tradutórias que podem estar presentes em todos os tipos de textos e situações, dentre elas, na própria sala-de-aula, quando do ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, no nosso caso, o ensino da língua e da literatura alemãs a crianças que convivem com a magia da cultura amazônica retratada em mitos e lendas indígenas. Surpreendentemente, constatamos, através de nossa experiência, que crianças não se constituem de estereótipos ou de conceitos pré-estabelecidos sobre outras culturas, mas se encontram abertas à linguagem

e ao conhecimento do 'outro', embora já demonstrem a riqueza de conhecimento sobre aspectos inerentes à sua própria cultura, retratados na interação diária com as tradições amazônicas, o que vem contribuir para a relação dialógica com a outra língua e cultura. Na concepção de Meschonnic (2010), a tradução se dá de forma fenomenológica, quando buscamos compreender ou interpretar a linguagem do 'outro', numa busca de interação interpessoal e intercultural, e acrescenta:

“O efeito de uma concepção geral da linguagem sobre a tradução aparece plenamente na fenomenologia que põe a linguagem no compreender de um interpretante, de onde traduzir, interpretar, compreender são equivalentes, e toda relação interpessoal, intercultural, toda troca de pensamento é tradução.”(Meschonnic,2010:35)

O ensino de língua alemã a meninas, de 5 a 12 anos de idade, em situação de vulnerabilidade social, na periferia da cidade de Belém, na Amazônia, comprovadamente, acabou por nos colocar diante da constatação de que “toda vez que nos vemos em contato com a cultura do outro, somos imediatamente levados a tentar compreendê-la, levando-nos a refletir sobre nós mesmos e sobre o modo pelo qual nos posicionamos diante deste outro” (Ramos&Batalha,2004:27). A prática no ensino-aprendizagem da literatura infanto-juvenil alemã a crianças na Amazônia numa prática dialógica com a literatura amazônica acabou por evidenciar o processo da tradução intercultural em sala-de-aula, uma vez que lidamos com culturas distintas, e nos levou a pensar sobre o fenômeno da alteridade quando percebemos que as crianças passavam a se colocar no lugar do 'outro', no caso dos personagens nos livros, independente se estavam representados por animais, plantas ou coisas, e das expressivas diferenças culturais.

### **3.Tradução cultural: a busca de sentidos**

Ainda no século XVIII, quando o tradutor ainda não era notado pela sociedade, problemas originados na tradução literal e na intraduzibilidade eram colocados em discussão, o que fez o filósofo,Friedrich Schleiermacher(1768-1834) se posicionar sobre as divergências na linguagem do tradutor e autor, pensamento esse registrado em seu ensaio *Sobre os diferentes métodos da tradução*.Com os Estudos da Tradução,em meados do século XX,uma das formas da visibilidade do tradutor se dá com Venuti(1995:112),ao defender que cada tradutor é, antes de tudo, leitor e faz sua interpretação,fruto de suas interrelações com o mundo e com outros textos. Esse novo

contexto sobre os estudos da tradução, unido a fatores históricos-sociais-ideológicos vêm ao encontro das teorias de Mona Baker (1999) que se contrapõe ao pensamento de Susan Bassnett(1998), quando esta defende a “virada cultural” nos estudos da tradução, como um novo paradigma com a chegada dos Estudos Culturais como fenômeno para estudar os processos tradutórios. Baker contra-argumenta distinguindo Estudos Culturais dos “estudos da cultura” como elementos que são estudados pela antropologia, sociologia e a teoria social e destaca que o fenômeno da cultura acaba por adentrar nos estudos de tradução, complementado pelas idéias de Gideon Toury(1980:137) ao defender que as mudanças tradutórias eram ditadas pelas condições culturais do sistema receptor. A partir desse momento, os elementos culturais foram se fazendo presentes nas traduções, ao se considerar que cada autor e/ou leitor encontra-se inserido no seu próprio sistema social e cultural. O ato da tradução logo nos leva a pensar sobre a questão da fidelidade ao texto original e, conseqüentemente, da recriação no texto traduzido, frente à diversidade cultural e linguística que se apresenta entre duas línguas e culturas, cuja essência encontra ressonância nas palavras de Brum-de-Paula (2008:12), ao revelar que “os modos de dizer, de pensar, de agir e de se comportar por serem distintos, são incompatíveis, e por conseguinte, são intraduzíveis”. Ao destacar os fenômenos culturais e linguísticos, Brum-de-Paula aponta também para os efeitos de sentidos na passagem de uma língua para outra, caracterizado no que se busca traduzir e se vê diante do estranhamento, justificando que

A intraduzibilidade pode ser compreendida como a manifestação da resistência produzida pela presença do não-familiar, de algo desconhecido e estranho, difícil de ser transposto para outra língua (Brum-de-Paula, 2008:5).

Esse processo de tradução exige do leitor, especialmente frente aos textos literários, a habilidade de decodificar e buscar a apreensão dos sentidos para a língua de chegada, que nem sempre se faz tão evidente. Por outro lado, Meschonnic relaciona o processo da tradução com o exercício da alteridade, quando nos vemos diante do ‘outro’, através da sua língua e cultura, o que nos impulsiona à busca do entendimento e, conseqüentemente, da identidade com esse ‘outro’. Meschonnic (2010:4) reconhece que a poética da tradução constrói o estudo do traduzir, em sua história, como exercício da alteridade, e coloca à prova da lógica da identidade. Esse reconhecimento de que a identidade só acontece pela alteridade.

“A intensificação das relações internacionais não se limita às necessidades comerciais e políticas, tem ainda um outro efeito: o reconhecimento de que a

identidade não é mais a universalização e não advém senão da alteridade, por uma pluralização na lógica das ligações interculturais[...]”(Meschonnic,2010,p.XXI)

Meschonnic( apud Sousa,2012:14) assegura que “a tradução não tem o papel de esconder as diferenças, mas ao contrário, o de escancarar essas diferenças através da alteridade concretizada na diversidade dos discursos concretizada na mestiçagem, ou seja, na alteridade infinita dos discursos que estão sempre entre”. Sob a ótica da literatura infantil, Peter Hunt(2010)ressalta da importância desse reconhecimento e a relação entre fronteiras, onde observa que a revolução crítica se dá na pluralidade de sentidos, destacando as principais fronteiras culturais – que é agora reconhecida como evidente para todos os leitores.

#### **4. Exemplos concretos: discussão**

O projeto social de alemão para crianças tem como metodologia a transversalidade ao trabalhar com temáticas variadas em sala-de-aula, como o respeito às diferenças, às etnias, o preconceito racial ,a diversidade de gênero,etc e nesse contexto acabou por se deparar com situações linguísticas e culturais diversificadas que exigiram a tradução intercultural observando a linguagem adequada àquela determinada cultura. Como observa Peter Hunt,

Podemos dizer que as crianças terão atitudes variadas em relação à morte, ao medo, ao sexo, a perspectivas, ao egocentrismo, à causalidade, etc. Serão mais abertas ao pensamento radical e aos modos de entender os textos ;serão mais flexíveis em suas percepções de texto. E, como a brincadeira é um elemento natural do seu perfil, verão a linguagem como outra área para a exploração lúdica. Elas são menos limitadas por esquemas fixos e, nesse sentido, têm uma visão mais abrangente (Hunt:2010:65).

É na recepção estética, quando das leituras de contos da literatura infanto-juvenil alemã numa interrelação com mitos e lendas amazônicas, que o projeto alcança seu objetivo e encontra seu ápice, ao provocar, de forma indireta e cognitiva, a imaginação das crianças frente ao caráter do abandono e da exclusão. É nesse momento, que ocorre a tradução em busca de sentidos e o encontro com o ‘outro’ na alteridade, quando as crianças ao enxergarem o ‘outro’, percebem a si mesmas, criando um processo de alteridade,ao se colocar,cognitivamente,no lugar desse ‘outro’. Tal processo encontra ressonância nas palavras de Riita Oitinnen,ao afirmar que

Tradutores nunca traduzem palavras isoladas e, sim, situações inteiras. Eles trazem à tradução todo seu patrimônio cultural,sua experiência de leitura e,

no caso de livros infantis, suas imagens de infância e de sua própria imagem de criança. Assim, eles entram num relacionamento dialógico que envolve no final os leitores, o autor, o ilustrador, e o editor (Oittinen, 2000:25).

Senão vejamos o conto *Bremer Stadtmusikanten*, dos Irmãos Grimm, cuja primeira publicação manuscrita é de 1812, traz como protagonistas animais que têm vida própria com uma trajetória, cuja representação aponta o abandono dos animais pelos seus donos. Segundo Dieter Richter, estudioso dos irmãos Grimm, esses escritores buscavam, no século XIX, denunciar as diferenças de classe presentes no feudalismo na Alemanha àquela época e, como forma de não serem identificados, faziam uso da literatura infantil de caráter subliminar. No entanto, quando da recepção estética do conto dos Grimm pelas crianças, verificamos que o horizonte de expectativas se altera frente ao olhar infantil, neste caso, de crianças em situação de vulnerabilidade social, criando uma relação dialógica e intertextual na recepção estética do imaginário infantil de forma identitária, quando a criança retrata no ‘outro’, no caso, no animal rejeitado no conto infantil, a sua própria situação social dentro de uma sociedade que a ignora e a exclui. É através do processo de superação e de união do grupo de animais no conto, frente às dificuldades manifestadas pelos animais na narrativa, que as crianças percebem que é possível, através da superação, transpor suas próprias dificuldades e fronteiras que a vida lhes impõe, buscando novos caminhos para sua vida no futuro.

Por conseguinte, trabalhar com as crianças da Amazônia com o conto alemão denominado de *Frau Holle*, dos Irmãos Grimm, nos levou à realidade da natureza climática do Norte do Brasil, onde não existe a neve, mas a chuva é o grande fenômeno climático permanente na região da floresta amazônica. No conto a senhora *Holle*, ao balançar o travesseiro de penas, faz cair neve sobre a terra, produzindo fatores positivos e de alegria àquela cidade, à época do século XIX. Como a região amazônica é conhecida pelas chuvas torrenciais, vespertinas e diárias em virtude da intensa umidade e calor, as próprias crianças, transcendem a cultura alemã, fazendo uso da imaginação cultural e geográfica e provocam essa transposição transformando a neve em chuva, onde podemos retomar o pensamento de Octavio Paz (1990) sobre o reconhecimento da cultura da língua de chegada, quando focaliza no tradutor da necessidade de conhecer a linguagem inserida na cultura de um povo para que se efetive uma tradução adequada e sem domesticação. Unido à aprendizagem da língua alemã, as crianças passam a conhecer a palavra “Schnee” (neve) através da escrita e da imaginação na percepção das imagens das estações do ano, mas reconhecem a chuva “Regen” como fator de grande



importância para a manutenção e preservação da floresta amazônica . No entanto, não podemos deixar de verificar que a cultura, na qual a criança está inserida, acaba por adentrar num processo de simbiose com a cultura do ‘outro’, a de chegada, sem domesticá-la, promovendo seu enriquecimento com fenômenos das demais culturas. Em um outro momento, ao se falar na comemoração do “Dia das Bruxas” com as crianças que residem na Amazônia, esta festa comemorada no Reino Unido e no resto do Ocidente como *Halloween*, cuja bruxa na Alemanha é denominada de *Hexe*, as crianças se deparam com bruxas estereotipadas e, como um passo de mágica, sob o efeito da magia e dos mitos da Amazônia, procedem a identificação e transposição para o imaginário popular identificando a representação estética da bruxa comum do continente americano com a bruxa amazônica, denominada de *Matinta Pereira*, cuja bruxa reside e tem papel preponderante na proteção da floresta de malfeitores que destroem a natureza amazônica. *Matinta Pereira* trata-se de um mito, dentre tantos na Amazônia, que passa pela metamorfose estética em defesa da floresta amazônica, cujo mito se encontra enraizado no imaginário popular e é cantada em verso e prosa na região Norte do Brasil. As crianças da Amazônia não reconhecem o *Halloween* no espaço amazônico, uma vez que a *Matinta Pereira* reside na floresta e no imaginário de crianças e de adultos na Amazônia.

Uma outra experiência intertextual e intercultural em sala de aula está na representação da *sereia*(a ninfa) cantada poeticamente pelo poeta e escritor alemão Heinrich Heine(1797-1856) em seu poema a *Saga de Lorerei*(*Loreraysage*,1824) e recontada em diversas canções, poemas, narrativas e filmes. A sereia que habita as águas dos rios e igarapés da Amazônia é denominada de *Iara*, cuja representação estética da personagem está inserida no conto popular amazônico e, por conseguinte, no imaginário popular e infantil do Norte do Brasil.

## 5. Algumas considerações

Dessa forma, podemos constatar nessa abordagem que as crianças ultrapassam as fronteiras da linguagem e das diferenças culturais e vão ao encontro do ‘outro’ através dos próprios sentidos e sensações, com isso, encontrando novos caminhos em busca de seu lugar na sociedade.

Finalmente, nossa experiência com o ensino de língua e literatura Infantil alemãs a crianças em vulnerabilidade social na Amazônia, nos fez ver que a criança está sempre



aberta a novos conhecimentos e culturas, onde ao procedermos uma troca dialógica, efetivamos a tradução intercultural, mesmo que cognitiva, além do aprendizado, de que é possível respeitar as diferenças, deixando-nos levar pelo fenômeno do olhar e enxergar o ‘outro’ através da tradução intercultural, contribuindo de alguma forma para a construção de uma sociedade melhor, mais justa e igualitária.

## Referências bibliográficas

- Baker, Mona. Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas complementares ou antagônicos no estudo da Tradução. Tradução de Marcia A.P. Martins & Patricia Broers-Lehmann. In: Martins, M.A.P. (Org.) Tradução e Multidisciplinariedade. RJ. Lucerna, 1999. p.13-34.
- Bassnett & Lefevere. Constructing cultures: Essays On Literary Translation Topics in Translation, 1998.
- Brum-De-Paula, Mirian Rose. *O outro no (in)traduzível*. PPGL/UFSC Editores, 2008.
- Dieter Richter. *Die „Bremer Stadtmusikanten“ in Bremen. Zum Weiterleben eines Grimmschen Märchens*. In: Hans-Jörg Uther (Hrsg.): *Märchen in unserer Zeit*. München 1990, S. 27–38
- Grimm, Jakob & Wilhelm. *Die Kinder und Hausmärchen*. Kinderbuch, Verlag: 2002/2003.
- Guimarães, Rodrigo. *Os outros do outro: o espaço da alteridade no pensamento de Octavio Paz*, Hunt, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.
- Oittinen, Riita. *Translating for Childrens*. Garland Publishing, 2002.
- Pontes Jr., G. R. & Batalha, M. C. *A tradução como prática da alteridade*. Cadernos da Tradução, 2014.
- Meschonnic, Henri. *Poética do Traduzir*. Tradução Gerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010. - (Coleção Estudos ; 257).
- Paz, Octavio. *Televisión: cultura y diversidad. Hombres en su siglo y otros ensayos*. Barcelona: Biblioteca de bolsillo, 1990.
- Paz, Octavio. *Traducción: literatura y literalidad*. Barcelona: Tusquets, 1971, p. 9-27.
- Sousa, Renato Venancio H. *A Tradução: entre a Língua e a Literatura, a Teoria e a Prática*. [www.e-publicacoes.uerj.br](http://www.e-publicacoes.uerj.br) > Capa > v. 3, n. 1 (2012) .
- Toury, Gideon. *In Search of a Theory of Translation*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics. 1980.
- Venuti, Lawrence. *The Translator's invisibility: a history of translation*. London, New York: Routledge, 1995